

LITERATURA MARGINAL E OS LIVROS DIDÁTICOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DE SÃO PAULO

SILVA, Neide (UNINOVE)

SANTOS, Maria Ap. Costa(UNINOVE)

RESUMO

O presente trabalho aborda a literatura marginal nos livros didáticos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Estado de São Paulo. A EJA é uma modalidade da educação destinada à inclusão escolar daqueles que tiveram negado o direito ao ensino regular na idade própria e por literatura marginal entende-se uma literatura emancipatória, capaz de mobilizar e promover mudanças em uma realidade cruel, violenta e preconceituosa, uma forma de expressão artística, que pode ser capaz de explicar, entender, representar, conhecer e educar o (a) periférico (a) que é em sua maioria preto (a) e pardo (a) e assim como esta literatura, encontra-se a margem da sociedade e do sistema capitalista, esta literatura é escrita por um grupo que não só representa uma parcela da população, mas é parte dessa população. E esse estudo tem como objetivo identificar se os livros destinados a parcela carente e marginalizada do estado de São Paulo que estuda na EJA, apresenta a literatura que é elaborada e divulgada por seus iguais: poetas e rappers suburbanos que em sua arte retratam a realidade das periferias. Para tanto, realizou-se pesquisa bibliográfica sobre os temas: educação de jovens e adultos e literatura marginal, assim como análise do material didático do 6º ao 9º ano do ensino fundamental da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), avaliado especialmente o conteúdo da disciplina de Língua portuguesa. Pode-se concluir que no material didático considerado, a literatura marginal encontra-se ausente e assim como os educandos e educandas da EJA, marginalizada.

Palavras-chave:Educação de Jovens e Adultos, Literatura Marginal, Livro Didático

Educação de Adultos

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de educação destinada à inclusão escolar daqueles que tiveram negado o direito ao ensino regular na idade própria, sendo, portanto “marginalizados e excluídos dos benefícios das conquistas econômicas, política, sócias e culturais.” (ROMÃO; GADOTTI, 2077, p.9).

Nos países latino-americanos a Educação de Adultos (EDA) passou a ser denominada:Educação de Jovens e Adultos (EJA), uma vez que atendem não só os adultos, como também jovens excluídos do sistema de ensino regular. Para Romão e Gadotti (2007), essa denominação (EJA) é equivocada e perpetua a injustiça, pois os jovens não devem frequentar um curso compensatório e sim possuir condições de cursar o ensino regular,

porque na Educação de Adultos, serão tratados como tal, sendo obrigados a amadurecer precocemente.

Atualmente na EJA, ainda predomina o sistema supletivo, com enfoque cronológico e infantil, ou seja, trata-se de uma educação destinada a adultos, mas que mantém uma bagagem metodológica derivada do ensino para crianças. Esse enfoque deve ser superado para uma posição cuja crítica central se dirige às estruturas políticas e econômicas geradoras da pobreza e exclusão educacional e social, estando de acordo com o parecer CEB/CNE nº 11/2000 que indica como funções dessa modalidade de ensino ser: reparadora, equalizadora, qualificadora.

A função reparadora da EJA parte do reconhecimento ontológico do ser humano, sendo uma oportunidade do (a) educando (a) participar da vida escolar e atuar nas esferas políticas e sociais.

A função equalizadora possibilita a reentrada do educando (a) no sistema educacional, restabelecendo sua trajetória escolar, possuindo proporcionalmente maiores oportunidades que os outros.

E a função qualificadora é considerada pelo parecer como “o próprio sentido da EJA”(CEB/CNE nº 11/2000, p. 228), significando a educação permanente e para toda a vida.

Educação de Adultos no âmbito nacional

Até a década de 1930 pouco se realizou para viabilizar a educação de adultos para ampla faixa da população, nesse período os analfabetos eram excluídos da vida política do país tendo o direito ao voto negado.

Por questões políticas e econômicas, em 1947 foram implementadas as primeiras políticas públicas nacionais tendo como objetivo a instrução de adultos. Isso ocorreu a partir da criação do Serviço de Educação de Adultos e do desenvolvimento da Campanha de Educação de Adultos.

Nos anos 1950, outras duas campanhas foram lançadas: Campanha Nacional de Educação Rural (1952) e, a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (1958), “mas essas políticas foram consideradas superficiais e produtoras de mais discriminação contra quem não sabia ler e escrever” (CURSO EJA PARA PROFESSORES, 2010, p.7).

Na década de 1960, a alfabetização de adultos, surgiria como uma estratégia para ampliação das bases eleitorais (denominado de período do populismo). O período de efervescência social e política favoreceu a experimentação de novas práticas de alfabetização e o trabalho do educador Paulo Freire contava com a adesão de vários movimentos de educação e cultura popular. De acordo com o Streck e Zitzkoski “a proposta de Freire se assenta nos princípios da educação popular [...] com destaque da compreensão da educação como um ato político; como ato de conhecimento e não como simples transferência de conhecimento.” (2010, p. 137).

Até 1964 desenvolveram-se alguns programas de alfabetização significativos, como: Movimento de Educação de Base (1961), Movimento de Cultura Popular do Recife (1961), Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler (Secretaria Municipal de Natal) e Centros Populares de Cultura, órgãos culturais da União Nacional dos Estudantes (UNE).

Porém, o golpe militar de 1964 interrompeu os preparativos das ações do Plano Nacional de Alfabetização e, a educação de adultos foi transformada em ensino supletivo. O governo militar promoveu campanhas como a Cruzada ABC (Ação Básica Cristã) e no início da década 1970 teve início a campanha Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que apesar de contar com amplos recursos financeiros, não conseguiu os resultados proclamados pelos governos ditadores, cumprindo apenas a função de controlar a população.

A redemocratização do país substituiu o MOBRAL pela Fundação EDUCAR (1985), no entanto, a mesma não possuía os recursos do MOBRAL e apesar de ser fruto de um governo dito democrático, “para sua criação, não foram consultados os cerca de 300 mil educadores trabalhavam no setor” (ROMÃO; GADOTTI, 2007, p. 81). Além disso, a fundação se voltou para educação infantil e acabou sendo extinta em 1990 e, a atribuição da alfabetização de adultos foi descentralizada para os municípios.

Em 2003 foi lançado o Programa Brasil Alfabetizado, a partir de 2007 essa modalidade de ensino é progressivamente incluída no Fundo de Financiamento da Educação Básica (FUNDEB).

No ano de 2009 realizou-se em Belém na região norte do Brasil, a sexta Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI CONFINTEA), promovida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), com a presença de 1.500 participantes de 156 países membros, que resultou no Marco de Belém, documento que enfatiza:

que a educação e a aprendizagem de adultos desempenham um papel crítico para o enfrentamento dos desafios culturais, políticos e sociais do mundo contemporâneo e sublinha a necessidade de se colocar a educação de adultos em um contexto mais amplo do desenvolvimento sustentável. Ele reconhece também que políticas efetivas de governança, financiamento, participação, inclusão, equidade e qualidade são condições necessárias para que jovens e adultos estejam aptos a exercer os seus direitos à educação. (UNESCO, 2009)

Sendo o Brasil, o primeiro lugar do hemisfério Sul a sediar um evento tão significativo, parece ser evidente a importância de o país refletir e agir, adotando políticas e práticas efetivas para promover a alfabetização e educação como empoderamento, honrando os compromissos firmados na VI CONFINTEA.

Atualmente, ainda existe uma dispersão de programas como: Alfabetização Solidária, Brasil Alfabetizado e Mova Brasil, mas o lado positivo é que o Governo Federal retomou o diálogo como a sociedade civil.

Quadro 1: Resumo Histórico da EJA

| DATA | DESCRIÇÃO |
|--------------------|---|
| 1890 a 1950 | Escassas oportunidades de acesso à escolaridade. Mais de 50% da população continua analfabeta. |
| 1947 | Estruturação dos serviços de educação de adultos e início da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA). Nenhum resultado prático. |
| 1952 | Campanha Nacional de Educação Rural. Ensino superficial e de pouca efetividade. |
| 1958 | Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo. Ensino superficial, inadequado e de pouca ou nenhuma efetividade. |
| 1960 a 1964 | Adoção dos métodos de Paulo Freire com implantação de várias campanhas, incluídas Movimento de educação de Base, Movimento de Cultura Popular, Campanha de Pé no Chão também se aprende a ler e os Centros Populares de Cultura. Época efervescente e de muita esperança. |
| 1964 | Golpe Militar. Suspensão das liberdades individuais com a desativação de vários movimentos. Exílio de Paulo Freire. Nos subterrâneos do poder foram desenvolvidas várias ações educativas que influenciaram o retorno da democracia 20 anos depois. |
| 1988 | Constituição de 1988. Direito ao ensino fundamental aos jovens e adultos. Comprometimento governamental com a superação do analfabetismo e provisão do ensino elementar para todos. |
| 1990 | Participação brasileira na Conferência Mundial de Educação para Todos na Tailândia. Estabelecimento de iniciativas para satisfazer as necessidades básicas de educação para crianças, jovens e adultos. Não foram atingidos os resultados esperados. |
| 1996 | Promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. |

| | |
|--------------------|---|
| 2003 a 2007 | Lançamento do Programa Brasil Alfabetizado e criação do Fundo de Financiamento da Educação Básica, com implantação em 2007. Em 2006, o Brasil contava ainda com 65 milhões de jovens e adultos com escolaridade inferior à formação básica e 14,5 milhões de analfabetos absolutos. |
|--------------------|---|

Fonte: Adaptado da apostila: Curso de Educação de Jovens e Adultos para professores. 2010.

Literatura Marginal: principais conceitos e autores da cena marginal

O tempo histórico é determinante no desenrolar das histórias narradas por meio da literatura universal. A representação da realidade recheada por situações de conflito, violência, descaso, impunidade entre outros, são elementos que compõem a atual e crescente Literatura Marginal. Segundo Soares (2008), o termo marginal surgiu em meados dos anos 1970, em virtude da resistência cultural que se firmava e alastrava no meio artístico, especialmente no campo literário, focado em subverter os padrões de qualidade, ordem e bom gosto. Segundo Pereira citado por Nascimento (2009)¹, esses textos eram marcados pela ironia, uso da linguagem coloquial e do palavrão, versando sobre temas polêmicos (sexo e tóxicos), e do cotidiano das classes privilegiadas.

A expressão Literatura Marginal, de acordo Nascimento (2009), é decorrente ao contexto da ditadura militar, na década de 1970. Dentre os autores mais significativos da época, pode-se citar João Antônio (1937-1996), que entre os anos de 1960 e 1970 lançou obras como Malagueta, Perus e Bacanaço, que retratavam os prazeres dos “malandros”, contraventores e trabalhadores. Assim como Plínio Marcos (1935-1999), escreveu sobre prostituição, problemas sociais e o submundo urbano, além de ter vendido seus livros no eixo Rio-São Paulo durante toda a década de 1960.

Nascimento (2009) também identificou como uma das características desse movimento marginal, a criação de circuitos de produção e divulgação alternativos nos teatros, na música, no cinema e principalmente, na literatura ao serem publicados textos em livrinhos mimeografados, pichações em muros, jornais e camisetas. Uma característica muito semelhante dos atuais autores marginais é que muitos deles têm seus textos publicados com a ajuda de editoras que estão fora do circuito editorial, ou com o auxílio da comunidade, ONG's

¹ A antropóloga Érica Nascimento traça um perfil comparativo de ambas as tendências marginais na literatura em sua obra “Vozes marginais na Literatura”, 2009. Neste estudo, apenas alguns trechos de relevância serão utilizados.

e em blogs especializados na cultura Hip Hop, além de na sua maioria serem afrodescendentes.

Os intitulados “poetas marginais”, da década de 1970, eram oriundos das classes média e alta, de origem europeia, estudantes universitários e possuíam vínculos com a comunidade artística. No caso dos atuais “poetas periféricos”, todos são oriundos da classe baixa, alguns são, ou foram, detentos, cantores de *rap*, e não se dedicam exclusivamente à arte literária, a maioria ainda é balconista, camelô etc. O contexto da “marginalidade” como elemento para agredir o sistema, para contestar a política, fora ressignificada para um nova população, pouco menos poética e mais agressiva, em que a palavra “rebeldia” foi substituída pelo termo “revolta”.

Quanto aos consumidores desses escritos da década de 1970, eram também membros das classes privilegiadas, pois essas produções não se destinavam ao viés popular ao retratar marcadamente grupos de uma estrutura social elitizada.

Segundo Soares, tais conceitos e paradigmas foram reaproveitados sob uma nova ótica, outra perspectiva distinta da ideia original e tampouco sem a mesma “efervescência artística” (2008, p.92). É, portanto, uma literatura marginalizada pela sociedade, escrita por um grupo que não só representa uma parcela da população, mas é parte dessa população. E segundo Ferréz, citado por Nascimento:

[...] a Literatura Marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo. (2009.p. 68)

Este autor Ferréz identificou-se com o termo Literatura Marginal ao ler sobre autores desse período histórico como João Antônio e Plínio Marcos, porque como eles, ele também fazia uma literatura diferenciada, à margem do rio, da sociedade intelectual, e como o próprio Ferréz diz “sempre me chamaram de marginal” (NASCIMENTO, 2009, p. 43). E por conta dessa identificação, Ferréz foi impulsionado, com a divulgação do romance *Capão Pecado*, a abraçar novos projetos, agrupando outros escritores periféricos que também buscavam a oportunidade da publicação.

De acordo com Nascimento (2009, p. 76) o grande diferencial desses escritores às literaturas do circuito editorial, está relacionado ao fato de que, além de observadores, são também atores dos espaços retratados no texto, sujeitos marginais inserindo suas experiências sociais no plano cultural.

Ou seja, do mesmo modo que carências sociais são divulgadas, “é uma maneira diferenciada de formular identidades coletivas e de reproduzir a cultura da periferia”. (NASCIMENTO, 2009, p.164). Portanto, são escritores que não codificam suas histórias, para que as mesmas possam atingir o maior número de pessoas da periferia, utilizando-se da linguagem coloquial, gírias, palavrões e expressões comuns aos moradores da região. São publicações alternativas com preços acessíveis, divulgação nas escolas e até palestras com exemplares gratuitos para as comunidades carentes como meio de divulgação dos trabalhos.

Benevenuto (2010), analisando os escritos da literatura marginal para a sua dissertação de mestrado, constatou que esse tipo de escrita tem por objetivo provocar, causar indignação até que a ação se faça necessária para a mudança das coisas, tal como elas estão dadas.

A literatura conforma a relação do homem com o mundo exterior e é nessa relação que o escritor marginalizado procura espaço, ser parte da mudança estrutural. Em sua obra, “*O que é Literatura*” (1993) Sartre destaca que a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo a sua volta e considerar-se inocente diante dele. Escrever é um ato de liberdade, esse ato se propaga tornando o leitor livre para a compreensão ou o engajamento de novos ideais que circundam o cotidiano ficcional, ou não.

Percebe-se que a Literatura Marginal, também, tornou-se autônoma e segundo Bachelard (1998), ao assumir-se nesse sentido, a arte inicia um novo ponto de partida. Um ponto de partida socialmente construído na prática comunitária, na escrita de um grupo por meio de um coletivo marginalizado reflexivo, pois para escrever um livro é preciso refletir.

A literatura não pode ser considerada imutável, com categorias fixas e permanentes, ou meramente definida como “bela, universal e eterna” (BENEVENUTO, 2010, p. 30). A literatura é uma representação artística de uma transformação social e histórica, constantemente redefinida por aquele que escreve, assim como por aquele que a lê.

Santos (2008) compreende que essa literatura está na contramão da bem sucedida tradição literária rompendo com o entendimento linear e hierárquico. O escritor da periferia tem consciência da sua condição de periférico, de marginalizado, não permitindo a ele se

desvincular das suas raízes, pois ele atua de dentro, sendo assim, não consegue desprender-se das situações diárias, da própria marginalidade, conhece sua relação de oprimido-opressor e divulga suas ideias para que o(a) oprimido(a) possa também se conscientizar, ou seja, engajando-se na sua função de escritor tornando-se o porta-voz e a consciência daquele que lê.

Segundo Oliveira (2009) é, a partir desta circunstância que revestirá certorealismo de uma humanidade que não idealiza nem universaliza a condição humana, mas a compreende “de dentro”, a partir da experiência do sujeito.

De acordo com Benevenuto (2010), a literatura marginal surgiu nos meios acadêmicos como uma arma, capaz de transformar ou contar ao menos uma história silenciada, “na qual vale mesmo que a própria violência venha à tona em resposta a violência sofrida” (p. 63), ou seja, ser do “contra”, falar contra o discurso hegemônico. Ao discutir sobre autores da literatura marginal, o autor observa que, no entendimento desses, a violência é a resposta do caos proporcionado pela burguesia, uma resposta considerada justa.

Para Velloso “esta é uma escrita que alude ou compactua com objetivos do *rap* advindo das periferias de São Paulo, incentivando um grande pacto coletivo de união de forças questionando as vidas lançadas ao desprezível e ao intolerável” (2007, p. 16). Neste momento ao “dar voz às agruras” sobressaem-se, por um instante, usando como veículo de protesto a escrita, divulgando as ideias antes de serem exterminados ou banidos pela invisibilidade, insignificância e anonimato.

Principais autores

Um dos primeiros escritos que possuía essa nova perspectiva do que seria uma literatura advinda da periferia foi escrita por uma ex-catadora de lixo e doméstica, Carolina Maria de Jesus (1914-1977). Carolina foi descoberta pelo jornalista [Audálio Dantas](#) ao escrever uma matéria sobre a expansão da [favela](#) do [Canindé](#). Com pouca escolaridade, favelada, mulher, negra e pobre, fez da literatura realística um meio de denúncia sócio-política.

A obra mais conhecida, que teve tiragem inicial de dez mil exemplares (esgotados na primeira semana), e traduzida em 13 idiomas, é [Quarto de Despejo](#), publicada em [1960](#).

Também escreveu *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços de Fome* (1963), *Provérbios* (1963) e *Diário de Bitita* (1982, póstumo).

Paulo Lins publicou em [1997](#), o livro [Cidade de Deus](#), sobre a vida nas [favelas](#) do Rio de Janeiro. O enredo tornou-se filme e o filme tornou-se um marco no cinema nacional. Morador da favela carioca [Cidade de Deus](#), começou como poeta nos anos 1980 como integrante do grupo Cooperativa de Poetas, por onde publicou seu primeiro livro de poesia: *Sobre o sol* (UFRJ, 1986). Graduado no curso de Letras foi contemplado - em 1995 - com a Bolsa Vitae de Literatura. Participou como assistente de um estudo [sociológico](#) e nesse período escreveu *Cidade de Deus*.

A partir dos anos de 2000, o surgimento desses novos autores marginalizados ganhou destaque com o lançamento do polêmico romance escrito por Ferréz: “Capão Pecado”. Ferréz é o pseudônimo de Reginaldo Faria da Silva, nome que virou marca registrada deste morador do distrito do Capão Redondo localizado na Zona Sudoeste da Cidade de São Paulo, no qual é sinônimo de pobreza, violência e abandono. Autor de seis livros, entre romances e crônicas, trabalhou como colunista na revista Caros Amigos, onde publicou uma edição especial sobre Literatura Marginal, participou e participa de palestras sobre educação e literatura em diferentes instituições dentro e fora do país. Apresentou programas de entrevistas no canal aberto, além de desenvolver projetos sociais na comunidade onde mora e trabalha.

Alessandro Buzo está na estrada há mais tempo que Ferréz, contudo tornou-se mais conhecido há poucos anos. Possui uma livraria no centro da cidade chamada Suburbano Convicto, além de site na internet, autor de vários livros, ativista social, colunista, [repórter](#) e [cineasta brasileiro](#).

Iniciou como escritor em [2000](#), com “[O Trem](#)”, [baseado em fatos reais](#), que originou a música "O Trem" do grupo [RZO](#). Lançou mais quatro livros: [Suburbano Convicto - O cotidiano do Itaim Paulista](#) (2004), [Guerreira](#) (2007), [Toda Brisa Tem Seu Dia de Ventania](#) e por fim [Favela Toma Conta](#). Dirigiu o filme [Profissão MC](#) de 2006, é colunista do jornal Boletim do Kaos, organiza a coletânea literária Pelas Periferias do Brasil e faz parte do programa “[Manos e Minas](#)”, desde 2008, onde apresenta o quadro *Buzão*.

De acordo os estudos realizados por Santos (2011), apesar do forte apelo à violência física, pois a violência e a marginalidade estão na base das condições de produção da própria

escrita, os autores deste novo fenômeno literário, estão cientes da sua realidade e das dificuldades impostas àqueles que são parte do mundo subalternizado e da opressão de ideias.

A partir do momento que a população oprimida toma a verdadeira consciência da sua capacidade, este se torna uma ameaça ao poder do sistema, pois ao se libertar o(a) oprimido(a) passa a não aceitar as péssimas condições dos serviços públicos, o aumento abusivo da cesta básica e a falsa caridade burguesa. E segundo Ferréz, “o que escrevemos só é nocivo pros porcos ricos, que dizem não saber o porquê de tudo isso (...)”. (FERRÉZ, 2009, p. 53).

A partir daí, ainda citando Santos (2011) tem-se uma relação muito próxima destes autores com características sociais, econômicas e emocionais tão semelhantes há realidade de uma grande parte da população brasileira, na qual convive diariamente com problemas tão legítimos ao seu cotidiano diário.

Os livros didáticos

No ano de 2011 o Fundo Nacional da Educação (FNE) disponibilizou material didático para a Rede Estadual de Ensino de São Paulo aos alunos da EJA, com intuito de oferecer a professores e alunos um suporte a mais na sala de aula. A finalidade desta análise é refletir sobre a presença/ausência da Literatura Marginal nos livros didáticos da coleção “Tempo de Aprender”. Como no referido material não existe uma disciplina específica para Literatura, procurou-se analisar os textos abordados na disciplina de língua portuguesa.

O volume I do livro EJA 6ºano é multidisciplinar tendo como temas: Identidade, Cidadania e Leitura. Os autores trabalhados no capítulo Identidade são: Manoel Barros, Milton Nascimento, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Viriato Corrêa, Patativa do Assaré, Roseana Murray, Mário Quintana, Jean de La Fontaine e João Melo.

Excetuando João Melo que é angolano e La Fontaine que era francês, os demais autores e autoras são brasileiros, alguns contemporâneos como Roseana Murray e Milton Nascimento, outros como Carlos Drummond de Andrade eram modernistas, e também temos a presença de grandes poetas populares como Patativa do Assaré.

Na unidade que trabalha Cidadania e Leitura tem-se novamente a presença da literatura africana, representada por Antônio Jacinto, a literatura europeia também é representada por trechos de Dom Quixote, de Miguel Cervantes. Os autores brasileiros estão representados em um conto de João Ubaldo Ribeiro.

O segundo volume é destinado ao 7º ano, os temas apresentados são: Meio Ambiente, Saúde e Qualidade de Vida. Os autores presentes nos textos são: Beto Guedes, Augusto dos Anjos, José Mauro de Vasconcelos, Ricardo Ramos, Theobaldo Santos, Henriqueta Lisboa, Carlos Roberto Brito Cardoso na unidade referente ao Meio Ambiente e, Mario Quintana, Mariko Tadamas, Rubem Braga, Renato Russo, Marcos Accioli e Marina Colasanti na unidade referente a unidade Saúde e Qualidade de Vida.

O volume seguinte, é direcionado para os discentes do 8º ano da EJA e possui as temáticas: Cidadania e Cultura na primeira unidade e Cultura de Paz na segunda. A primeira unidade trata da cultura brasileira, com textos de Gonzaguinha, canções de domínio público como Cuitelinho, Canções de Carlos Jobim, Literatura de Cordel de Abdias Campos e um poema de Ferreira Gullar.

Na unidade que versa sobre Cultura de Paz, a violência contra mulher é abordada e identifica-se na primeira página uma imagem da Campanha Brasileira do Laço Branco – homens pelo fim da violência contra mulher. Na imagem têm-se cinco homens negros.

Os autores presentes nessa unidade são: Rubem Braga, Dom Hélder Câmara e Herbert de Souza.

O quarto e último volume da coleção destina-se aos discentes do 9º ano e as unidades multidisciplinares escolhidas foram: Trabalho e Consumo na primeira unidade e, Globalização e novas tecnologias na segunda.

A unidade: Trabalho e Consumo, apresenta: um trecho do romance *Menino de Engenho* de José Lins do Rego, o texto dramático *Eles não usam black-tie* e um conto de Charles Perrault. Por fim, o capítulo sobre Globalização e Novas Tecnologias, inclui uma série de reportagens, uma crônica de Moacyr Scliar, uma canção de Kleiton e Kledir e o trecho do romance *Incidente em Antares* de Érico Veríssimo.

Considerações preliminares

Nesta pesquisa, procurou-se identificar a presença da literatura marginal nos livros didáticos da EJA, mas de acordo com a descrição realizada, observou-se que os escritores da periferia não são abordados nos livros destinados aos estudantes da educação de adultos.

Uma ironia, pois livros destinados a uma modalidade de ensino voltada para educandos trabalhadores - que são em sua maioria pretos e pardos, residentes da periferia das grandes cidades do Estado de São Paulo - não os representam nos textos apresentados.

Nos quatro volumes analisados, foi possível identificar a presença tímida da literatura africana, atendendo as especificidades da Lei 10.639/03 que institui como obrigatório o estudo da história e cultura africana e afro-brasileira, especialmente nas disciplinas de artes, história e literatura.

No entanto, as imagens presentes nos livros são racistas e discriminam os próprios alunos a quem o material didático é direcionado, como por exemplo no volume III, p. 65 em que a foto da campanha contra a violência contra mulheres, apresenta cinco homens pretos e pardos. Será que nenhum homem branco agride sua esposa? Ou no volume II p. 52 que apresenta uma foto de vários jovens negros jogando futebol em uma favela no Rio de Janeiro e, na mesma página uma foto de uma criança cadavérica da Libéria na África. Ou seja, os negros quase não estão presentes no material didático analisado, mas quando aparecem são em situações de miséria e violência.

Os escritores que possuem textos nos quatro livros são escritores tradicionais e consagrados no mundo literário e musical. Não localizou-se nenhum texto de escritores marginais como: Ferréz, Carolina Maria de Jesus, Alessandro Buzo entre outros, não encontrou-se nem uma única canção dos Racionais, Z' Africa Brasil, Criolo, Emicida ou outro grupo de rap que contesta o sistema capitalista, a violência, o racismo e a segregação espacial imposta aos residentes das periferias das grandes cidades de São Paulo.

Pode-se concluir que os livros avaliados não foram elaborados com o objetivo de aproximarem-se da realidade dos educandos da EJA e, menos ainda, para conscientizarem estes estudantes da exploração que são submetidos diariamente, assim como, não foram elaborados para suscitar as polêmicas tão necessárias no processo de ensino-aprendizagem.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BENEVENUTO, Silvana José. *A escrita como arma: uma análise do pensamento social na Literatura Marginal*. São Paulo: Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade de São Paulo, 2010. (Dissertação de Mestrado)

CAMARA DA EDUCAÇÃO BÁSICA. Parecer nº 11/2000 de 10 de Maio de 2000. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Relator: Conselheiro Carlos Roberto Jamil Cury. Brasil, Brasília, 7 jun.2000. Disponível em:

http://www.uff.br/ejatrabalhadores/arquivos-agosto-2008/diretorF_parecer11_2000_resolucao1_00.pdf. Acesso: Jan/2012.

CURSO EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS PARA PROFESSORES, 2010. (Apostila)

EJA 6º ano – Volume1 – 2. ed. São Paulo: IBEP, 2009 (Coleção Tempo de Aprender)

EJA 7º ano – Volume2 – 2. ed. São Paulo: IBEP, 2009 (Coleção Tempo de Aprender)

EJA 8º ano – Volume3 – 2. ed. São Paulo: IBEP, 2009 (Coleção Tempo de Aprender)

EJA 9º ano – Volume4 – 2. ed. São Paulo: IBEP, 2009 (Coleção Tempo de Aprender)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 2010 (<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>)

NASCIMENTO, Erica Peçanha. *Vozes Marginais na Literatura*. São Paulo: Aeroplano, 2009.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. “De Coetze a Ferréz: lições de humanismo e realismo”. *Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas*. Porto Alegre, Vol. 05, Nº. 01, jan/jun 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/nauliteraria/article/viewfile/9759/5786>. Acesso em: 11 de junho de 2010.

ROMÃO, José E; GADOTTI, Moacir. *Educação de Adultos: cenários, perspectivas e formação de educadores*. Brasília: Liber Livro Editora, 2007 (Coleção Educação de Adultos).

SANTOS, Carolina Correia. *Capão Pecado e a construção do sujeito marginal*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2008 (Dissertação de Mestrado)

SANTOS, Maria Aparecida Costa. *Ensino paralelona periferia: uma visão da educação à luz de Ferréz*. São Paulo, Faculdade de Educação. Universidade Nove de Julho, 2011 (Dissertação de Mestrado)

SOARES, MeiHua. *A literatura marginal-periférica na escola*. São Paulo, Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, 2008 (Dissertação de Mestrado)

SOUZA, Ana Lúcia Silva; CROSO, Camila. *Igualdade das relações étnico-raciais na escola. Possibilidades e desafios para implantação da lei 10.639/03*. São Paulo, Peirópolis. 2007.

STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI Jaime (Orgs). *Dicionário Paulo Freire*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

UNESCO. *VI Conferência Internacional de Educação de Adultos*. 2009. Disponível em: http://www.unesco.org/pt/confinteavi/single-view/news/international_conference_on_adult_education_closes_with_a_call_to_move_from_rhetoric_to_action-1/back/5446/cHash/faldc1d7b0/

VELLOSO, Luciana Mendes. *Capão pecado: sem inspiração para cartão-postal*. São Paulo, Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. (Dissertação de Mestrado)